

RESENHA**MICHEL HENRY****EU SOU A VERDADE: POR UMA FILOSOFIA DO CRISTIANISMO**

Trad.: Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2015. 384pp.

POR LUÍS GABRIEL PROVINCIIATTO*

A relação entre fenomenologia e religião é o elemento marcante desta obra de Michel Henry (1922-2002), publicada originalmente em 1996 e que agora se encontra disponível em língua portuguesa. Antes de abordar propriamente a obra com suas problemáticas e propostas, convém apresentar, mesmo que brevemente, este filósofo francês que, aos poucos, vem ganhando espaço nas linhas de pesquisas acadêmicas em Filosofia. Destaca-se o interesse pelos escritos de Henry, sobretudo, em grupos que se propõem a estudar a fenomenologia francesa ou mesmo a fenomenologia em suas diferentes vertentes e em suas possíveis correlações com outras ciências.

A princípio, Michel Henry pode ser considerado um autor que trabalha os temas da subjetividade e da corporeidade não de maneira abstrata, mas profundamente ligados à realidade efetiva do homem. Isso caracteriza seus escritos como uma fenomenologia da vida. De fato, percebe-se tal preocupação nesta obra, ainda mais quando, desde o início da mesma, o autor traz a temática da vida como um dos elementos centrais da discussão.

A obra, por sua vez, está dividida em treze capítulos antecedidos por uma introdução, intitulada *A que chamaremos cristianismo?*, e seguidos de uma conclusão que, além de proporcionar novos questionamentos ao leitor, relaciona *O cristianismo e*

* Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e, atualmente, mestrando em Ciências da Religião pela mesma instituição com bolsa de fomento CAPES. E-mail: lgprovinciatio@hotmail.com

o mundo moderno. Vale mencionar ainda que Henry não se utiliza somente desta obra para analisar o cristianismo a partir da fenomenologia. Posteriormente à obra *Eu sou a Verdade: por uma filosofia do cristianismo*, foram publicadas outras duas: *Encarnação: uma filosofia da carne* e *Palavras de Cristo*, ambas em francês, respectivamente em 2000 e 2002 e que também se encontram traduzidas e publicadas em português pela É Realizações.

Ao iniciar a leitura da obra aqui referida, o leitor depara-se com uma introdução, cujo título está acima exposto, e que direciona a temática do cristianismo à luz da fenomenologia. Destaca-se a importância de respeitar isso ao longo de todo o estudo da obra, pois o cristianismo ao qual Henry faz menção é aquele descrito nos textos que compõem o Novo Testamento. A preferência do autor será pelos escritos evangélicos, sobretudo o Evangelho de João, embora também apareçam diversas menções às cartas paulinas e joaninas e, ao final da obra, também ao livro do Apocalipse de João. Tais escolhas serão essenciais para compreender problemas de ordem filosófica, linguística e estrutural levantados pelo próprio Henry e que serão resolvidos fenomenologicamente. Nesse sentido, adianta-se que Henry lida com o cristianismo como um fenômeno. E mais: faz fenomenologia em solo cristão.

Diante dessa perspectiva pode-se afirmar: Henry se preocupa com a originalidade da manifestação religiosa cristã a partir da realidade efetiva da vida humana. Noutras palavras: o acesso ao cristianismo é feito fenomenologicamente e, por mais que Henry faça algumas ressalvas a fenomenólogos alemães, ainda fica resguardada a máxima fenomenológica de “retorno às coisas mesmas”. Disso decorre a compreensão da origem da experiência religiosa cristã como diretamente relacionada à realidade efetiva da vida do ser humano. Isso pode ser percebido ao longo de todo o percurso do texto e exige uma atenção maior do leitor, sobretudo nos momentos de crítica ao pensamento fenomenológico alemão.

Outro elemento a ser destacado, logo de início, é o modo como os capítulos estão construídos: todos eles trabalham um tema, geralmente uma problemática que foi direcionada e levantada no capítulo antecedente, ou seja, há toda uma sequência estrutural e lógica ao longo da obra que, caso seja interrompida, dificulta a leitura e a compreensão subsequente. Isso, no entanto, não impossibilita que determinados

capítulos se destaquem diante de outros. Tal ênfase, porém, só é possível conhecendo qual o significado dos termos utilizados por Henry, bem como suas elaborações e usos no interior da própria obra. Traz-se, por exemplo, o caso do termo vida que, a partir do segundo capítulo, *A Verdade segundo o cristianismo*, recebe duas grafias: às vezes com inicial maiúscula referindo-se à Vida, à própria essência de Deus, e noutras com inicial minúscula referindo-se à vida do homem em si. Essa dissonância de grafia com inicial maiúscula e minúscula aparece com tantos outros termos e deve ser compreendida de modo claro ao longo de toda a obra: a inicial maiúscula sempre fará referência àquilo que está relacionado à essência de Deus e a inicial minúscula àquilo que se relaciona com o homem em si. Pormenores iguais a esses e encontram ao longo da obra e deve-se ficar atento aos mesmos para uma melhor compreensão de todo o texto.

A obra, embora esteja dividida em treze capítulos, pode receber outra divisão temática que, crê-se, facilita a leitura e o entendimento da mesma. A presente resenha toma como tarefa esta nova divisão, uma vez que esta não é de Henry, de modo que o leitor pode muito bem vir a discordar da divisão aqui apresentada. Faz-se menção também ao fato de que o prosseguimento desta resenha tomará por base a divisão temática aqui proposta, esta apresentada a seguir em maiores detalhes.

A ênfase do primeiro ao quinto capítulo é apresentar as principais diferenças entre a verdade do mundo e a verdade do cristianismo, também denominada Verdade da Vida, além de direcionar toda a investigação fenomenológica para a análise da manifestação religiosa cristã estabelecendo, como sugere o título do quinto capítulo, uma *Fenomenologia de Cristo*. O quinto capítulo se apresenta, na verdade, como um primeiro ponto de chegada da obra, retomando elementos antes vistos e fazendo uma guinada temática, inserindo um novo elemento decisivo na estrutura do texto: o homem como filho de Deus. Assegura-se, com isso, uma estruturação muito eficiente para a própria obra, pois aos poucos vão se acrescentando novos conceitos à luz de uma problemática que é trabalhada de modo segmentado. Daí o sentido da nova divisão aqui apresentada. Os termos presentes nesse primeiro quarto da obra devem ficar muito bem compreendidos, pois são recorrentes em todo o texto. Destaca-se ainda que, posteriormente, os mesmos ganham uma maior profundidade compreensiva.

As páginas que abrangem do sexto ao nono capítulo direcionam o foco da análise sobre a vivência do homem. De fato, o termo vivência passa a ser central nesse momento da obra, pois ele não designa somente as experiências possíveis na realidade do mundo. Vivência está diretamente ligada à manifestação da própria vida no viver do homem. Pode soar como redundante dizer: manifestar a vida no viver, porém, Henry trabalha isso de modo muito coeso e significativo. Essa construção linguística, no entanto, pode ser lida e compreendida quando se percebe o esforço do filósofo em argumentar o seguinte no sexto e sétimo capítulo: o homem é “Filho de Deus” e, além disso, é “Filho no Filho”.

Antes de prosseguir com a divisão aqui proposta, o oitavo capítulo merece uma maior atenção pelo fato de ele direcionar diretamente para aquilo que posteriormente se chamará nesta resenha de “ápice” temático. A principal proposta deste capítulo é mostrar a diferença entre “Eu” e “Ego”, além de apresentar o principal motivo, aos olhos de Henry, de o homem ter-se afastado de Deus e esquecido sua condição filial. Respeitando as críticas feitas à ciência em capítulos anteriores e centrando-se na temática do capítulo, Henry afirma categoricamente:

Quanto mais as ciências positivas se desenvolvem e se orgulham de seus progressos fulgurantes, quanto mais a filosofia fala alto e forte, com seus cortes epistemológicos, suas problemáticas revolucionárias e suas desconstruções de todos os tipos, menos o homem tem ideia do que ele é. [...] Esta é a tese do cristianismo sobre o homem: ele não é um homem senão enquanto é um eu, e ele não é um eu senão enquanto é um Filho, um Filho da Vida, isto é, de Deus (HENRY, 2015, p. 192-193).

A crítica à ciência, que de certa forma desemboca neste capítulo para ser retomada no encerramento da obra, aparece como um dos possíveis motivos da perda de identidade do próprio homem. Isso se justifica porque as ciências recortam seus objetos de investigação até certo ponto que nada de humano resta ali. Essa é a crítica que Henry dirige propriamente à ciência e a seus métodos de investigação. Destarte, como se pode perceber no trecho citado, o autor também sugere uma via para que o homem retome sua condição e se reconheça enquanto tal: a proposta do cristianismo.

Deve-se mencionar também que essa via proposta por Henry não é nenhuma maneira de “resgate” aos olhos da fé, como um pecador que busca a redenção. Essa via proposta pelo cristianismo e assumida fenomenologicamente pelo pensador francês se

configura por redescobrir no homem uma condição que é sua: a de um eu, um eu que só é possível sendo o homem Filho da Vida. O capítulo prossegue anunciando que a vida não se lembra de si enquanto vivencia. Henry toma isso como base para argumentar que o esquecimento da condição de Filho é justamente a prova cabal desta condição e não o contrário, pois o Filho é tão somente gerado na Vida. A responsabilidade do nono capítulo consiste justamente em mostrar como é possível um “novo nascimento”, ou melhor, um segundo nascimento ao homem, no qual ele se descobre efetivamente enquanto um Filho desta Vida Fenomenológica Absoluta, termo designado por Henry para mencionar Deus neste percurso fenomenológico.

Desse ponto em diante, inicia-se uma transição daquilo que aqui se denomina segundo momento temático para o terceiro a partir de um tema: a ação. Esse renascimento proposto no nono capítulo, de acordo com Henry, liga-se a um novo modo de agir do homem, um modo de agir que causa a vida e não a morte. Isso caracteriza uma ação a partir da condição de Filho da Vida, pois as ações deste visam promover a vida. Henry vai reconhecer este modo de agir a partir da práxis cristã testemunhada nos relatos do Novo Testamento e expressada pelo próprio Cristo.

É justamente a essa práxis cristã que se direciona o terceiro momento temático que compreende os capítulos dez, onze e doze. De modo muito breve, a proposta de Henry é propor um retorno fenomenológico à práxis cristã fundante do próprio cristianismo. Desse modo, esse terceiro momento se dedica a debater uma *Ética cristã*, título do décimo capítulo, baseada nas Escrituras, pois elas revelam as intuições fundadoras do cristianismo. Compreende-se que o terceiro momento temático da obra, sobretudo o décimo capítulo, é o ápice de todo o texto, pois está diretamente relacionado com o ideal cristão e com a proposta fenomenológica de Henry.

A base para o desenvolvimento da ética cristã é o mandamento do amor e este traz consigo dois elementos centrais a todo sistema ético: a liberdade para agir e a capacidade para realizar tal tarefa. Isso faz com que a centralidade da ética cristã esteja no sujeito, em sua subjetividade, o que se adequa de maneira coesa à proposta fenomenológica de Henry. A partir do redescobrimento da práxis cristã, o autor, nos capítulos onze e doze, trabalha diretamente com as escrituras: apresenta alguns paradoxos do cristianismo e soluciona-os também sob a ótica da fenomenologia.

Interessante mencionar que tal resolução tem por base as próprias escrituras, por sua vez compreendidas como Palavra de Deus revelada por Cristo e assumida pelos homens em sua condição de Filho no Filho. Isso, no entanto, deve ser lido com base na ética cristã direcionada para a ação, o que torna os outros dois capítulos complementares ao décimo. Esse terceiro momento se encerra apontando a possibilidade do homem ouvir a Palavra de Deus, o que será mais bem trabalhado numa outra obra supracitada, *Palavras de Cristo*.

A quarta e última divisão compreende o capítulo treze e a conclusão e tem como principal foco relacionar o cristianismo com o mundo moderno. O grande diferencial do décimo terceiro capítulo é a crítica dirigida pelo autor ao modo como o cristianismo foi interpretado pelos próprios aderentes à fé cristã ou por críticos filosóficos que viam nessa manifestação religiosa nada mais do que uma fuga da realidade. O fundamento da crítica feita por Henry está justamente no fato de que o cristianismo não é uma fuga da realidade. Ao contrário: ele é uma possibilidade de retorno à realidade em si, uma realidade que é a realidade da vida, a única existente e que, além do mais, é invisível. Isso faz com que a realidade sustentada pelo cristianismo seja uma realidade invisível, pois é a da Vida, mas não irreal, ilusória. Daí tal passagem: “invisível não no sentido desse lugar imaginário e vazio que se diz ser o Céu. Invisível no sentido do que – como a fome, o frio, o sofrimento, o prazer, a angústia, o tédio, a dor, a embriaguez – se experimenta a si mesmo invencivelmente [...]” (HENRY, 2015, p. 334). A conclusão é, a princípio, uma continuação do capítulo treze e que, aos poucos, vai se complementando com elementos trabalhados desde o começo do texto. O principal aspecto desta conclusão é a possibilidade de ler os três momentos anteriores sob uma nova perspectiva.

Por fim, a obra aqui resenhada possibilita um número razoável de questionamentos que podem ser postos ao próprio autor, à própria obra, além de tantos outros possíveis. A presente resenha não tem a finalidade nem de apresentar nem de responder a tais questões que, certamente, exigem uma dedicação específica do leitor. Não há dúvidas de que questões pertinentes contribuirão com novos conhecimentos e investigações. Diante disso, a própria fenomenologia ganha profundidade, rigor e maior clareza, além de deixar aberta a possibilidade de correlação com outras ciências. Ao final dessa obra, da qual se recomenda a leitura, o leitor sente-se provocado a continuar

o caminho de pesquisa proposto por Michel Henry, o qual se configura pela ampla possibilidade de ainda ser problematizado, desdobrado e investigado.